

A concepção de ferramentas de tradução como dinamizadoras da produção tradutória e seus reflexos para a prática¹

Érika Nogueira de Andrade Stupiello

Recebido em 01/07/2011 – Aprovado em 01/09/2011

Resumo

As transformações experimentadas no mundo globalizado têm gerado o crescimento na produção de informações e a urgência de disseminação das mesmas além fronteiras. Tal fato tem promovido o expressivo aumento da demanda por traduções elaboradas de maneira rápida e segundo padrões de produção específicos. Para atender a essas exigências é cada vez mais comum a aplicação de ferramentas tecnológicas, como programas de tradução automática e sistemas de memórias de tradução. Este trabalho apresenta uma análise das concepções teóricas subjacentes aos projetos dessas ferramentas e discute como a automatização da atividade tradutória interfere diretamente na determinação da responsabilidade final pela tradução.

Palavras-chave: *tradução; ferramentas de auxílio à tradução; programas de tradução automática; sistemas de memórias de tradução.*

¹ Este trabalho é parte de minha tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação da Unesp de São José do Rio Preto e defendida em março de 2010 (FAPESP, processo nº 06/60974-5).

Introdução

Os avanços experimentados nas últimas décadas na área de tecnologias da informação fizeram surgir uma nova lógica industrial, pela qual diferentes sociedades, nas mais remotas partes do mundo e estruturadas em rede graças à internet, têm a oportunidade de intercambiar produtos e serviços, e de se comunicarem de modo virtual e quase instantâneo. Essa inovadora configuração mundial caracteriza-se, segundo Castells (2007, p. 108), pela distribuição do processo produtivo em diferentes locais (pelo fato de a distância não ser mais um empecilho para a comunicação), possibilitada pela estruturação da economia informacional, em que a informação, considerada “matéria-prima” das novas tecnologias, dissemina-se em redes com crescente conectividade nos mais remotos lugares.

A expansão da disseminação da informação pela internet impôs novas exigências à prática de tradução, tanto com relação ao crescimento de sua necessidade quanto à diminuição de seu tempo de produção. Segundo a ordem mercadológica atual, o comércio internacional é preferencialmente concretizado se as informações na língua de origem forem oferecidas nas línguas traduzidas concomitantemente ao lançamento do produto.

Páginas eletrônicas da internet constituem um exemplo dos tipos de materiais com que lidam os tradutores na contemporaneidade e que, de muitas maneiras, têm influenciado a maneira como a tradução é praticada. Algumas das mudanças vivenciadas na prática devem-se às características dos materiais textuais eletrônicos a serem traduzidos, assim como à maneira como serviços de tradução para esse setor são contratados e, até, realizados.

No ensaio “Technology and Translation”, Biau Gil e Pym (2006) discutem algumas das mudanças vividas pelo tradutor em seu trabalho como resultado dos avanços tecnológicos e do processo de globalização. A mais importante delas, segundo os autores, seria o próprio formato dos textos a serem traduzidos, em sua maioria em meio eletrônico, sem delimitação de início ou fim e em constante processo de atualização. Para esses teóricos, a tradução na contemporaneidade, “torna-se mais um trabalho com banco de dados, glossários, e uma série de ferramentas eletrônicas, no lugar de textos de origem completos e definitivos” (p. 6). Entre as ferramentas mencionadas pelos autores estariam os dicionários e glossários eletrônicos, a própria internet (como instrumento de pesquisa), os programas de tradução automática e os sistemas de memórias de tradução.

Essas ferramentas seriam representativas dos avanços tecnológicos no campo da tradução e de mudanças na maneira como clientes e tradutores se comunicam (internet), no modo como produções anteriores do tradutor são recuperadas e rea-

proveitadas (os bancos de dados terminológicos, os programas de tradução automática, os sistemas de memórias de tradução) e nos textos, considerados por Biau Gil e Pym como “arranjos temporários de conteúdos” (p. 6).

A fim de alcançar a padronização e a execução de traduções ao ritmo comercial, ferramentas tecnológicas de tradução, como programas de tradução automática e sistemas de memórias de tradução, são cada vez mais adotados por agências prestadoras de serviços de tradução e tradutores que atuam em mercados como o da localização que, segundo Cronin (2003, p. 13), promoveu um “crescimento substancial na indústria de tradução nas últimas duas décadas”.

Ao contrário da tradução automática, o desenvolvimento dos primeiros sistemas de memórias de tradução foi, desde o início, visto com entusiasmo por tradutores que, até então, opunham-se à subserviência à máquina. Diversos trabalhos na área, produzidos tanto por estudiosos quanto pelos próprios tradutores-usuários desses programas – entre eles, Pym (2003), Pym et al (2006), Pérez (2001), Craciunescu et al (2004) e, no Brasil, Nogueira e Nogueira (2004) – são bastante enfáticos ao afirmarem e ilustrarem o ganho de eficiência que os sistemas de memórias promovem no trabalho de tradução. A inovação que os sistemas de memórias de tradução trouxeram consiste, em linhas gerais, na capacidade de recuperação e reaproveitamento de traduções já realizadas. O tradutor contaria com um recurso de grande auxílio na manutenção da padronização terminológica, podendo resultar em economia de tempo em trabalhos muito extensos e desenvolvidos em equipe. Aludindo às potenciais vantagens que o emprego dos sistemas de memórias podem gerar, alguns teóricos e tradutores chegam, até mesmo, a atestar a imprescindibilidade da adoção e do domínio do uso desses sistemas para o tradutor profissional manter-se no mercado de trabalho (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004).

Este trabalho apresenta uma análise dos pressupostos teóricos que sustentam projetos atuais de programas de tradução automática e as aplicações dos sistemas de memórias de tradução, ambas ferramentas que têm promovido mudanças definitivas no modo como o tradutor lida com o texto que traduz e, por extensão, na maneira como sua atuação é concebida por quem contrata seu trabalho no mercado contemporâneo global. Considerando-se as diversas condições que impostas ao trabalho do tradutor que faz uso dessa ferramenta, convida-se a uma reflexão sobre os limites da responsabilidade tradutória na contemporaneidade.

De uma nova concepção de tradução automática como uma ferramenta de produtividade à sua integração às estações de trabalho do tradutor

Uma das formas de reduzir o tempo de elaboração de uma tradução e, ilusoriamente, eliminar os efeitos da intervenção humana na comunicação que se supõe transparente, seria pela instrumentalização do trabalho do tradutor, com o intuito de aumentar seu desempenho pela restrição do tempo de contato com o material a ser traduzido. Essa situação é particularmente reveladora do cenário em que a tradução é praticada na era da globalização. A instantaneidade da transmissão eletrônica de informações ganha primazia sobre o tempo de elaboração e revisão do material textual que circula em meio eletrônico. A retomada das pesquisas e a recuperação dos investimentos em programas de tradução automática representa, no contexto contemporâneo, uma tentativa de atender à demanda criada pelo mercado eletrônico de produção de documentação instaurado na internet que, como tudo que trafega na rede, tem por característica principal a transitoriedade do que nela se disponibiliza.

A ideia de que a automação poderia conduzir a traduções estilisticamente imperfeitas, mas capazes de conferir acesso a um conteúdo em uma língua estrangeira depositado no texto de origem e nele mecanicamente decifrável mostra-se prevalente na literatura e nas propostas de projetos de tradução automática nas últimas décadas. Por essa visão, textos traduzidos de maneira automática atenderiam a duas necessidades “diferentes” que, como relata Hutchins (2007), determinariam o emprego ou não do tradutor *especificamente* para o trabalho de revisão ou “pós-edição” da produção da máquina:

existem basicamente dois tipos de demanda. Há a necessidade tradicional de traduções de qualidade “publicável”, particularmente a produção de documentação multilíngue para grandes empresas. Aqui a produção dos sistemas de tradução automática pode economizar tempo ao oferecer esboços de traduções que são depois editadas para publicação - esse modo de uso denominado tradução automática auxiliada por humanos (HAMT). Entretanto, o que é frequentemente necessário não é uma versão “perfeitamente” exata, mas algo que possa ser produzido rapidamente (às vezes, imediatamente), que transmita a essência do original, embora gramaticalmente imperfeito, lexicalmente desajeitado e estilisticamente grosseiro. Este é, em geral, denominado “tradução automática para assimilação”, em contraste com a produção de traduções de qualidade publicável, conhecidas como “tradução automática para disseminação”. (HUTCHINS, 2007, p. 1, minha tradução)

Observa-se, pelo relato de Hutchins, que em ambas as demandas por tradução que enumera, os sistemas automáticos atuam como *realizadores efetivos* do trabalho de tradução, seja

acelerando a conversão de significados de textos estrangeiros para as línguas traduzidas com fins de publicação, seja oferecendo uma “versão” que, embora com reconhecidas restrições na forma, apresentaria “a essência do original”. Somente em situações que uma tradução fosse encaminhada para publicação, o tradutor atuaria como coadjuvante ao trabalho da máquina, restritamente na adequação da forma de apresentação de um significado já recuperado de sua origem.

No entanto, por um outro ângulo, é possível afirmar que o olhar humano está sempre presente, em ambas as situações de aplicação de automação. Na tradução para “assimilação”, o sentido da produção automática só é conferido pela interpretação humana que constrói o significado não obstante “gramaticalmente imperfeito, lexicalmente desajeitado e estilisticamente grosseiro”. Na produção para disseminação, o trabalho humano (nesse caso específico, do tradutor) seria muito mais abrangente do que a pós-edição da tradução automática. Sua atuação estende-se à elaboração do sentido conferido à produção automática para a devida conciliação entre o mecânico e a elaboração textual.

A concepção contemporânea da função da tradução automática ganha, pelo discurso de Hutchins, uma nova “roupagem”, propositalmente mais aprazível aos críticos de outrora, porém ainda comprometida com os ideais primeiramente concebidos e perseguidos para a máquina. O anseio, por muito tempo gerado pelos projetos em tradução automática, da possibilidade de substituição do tradutor concede lugar à imagem de que esses sistemas são capazes de atuar com maior eficácia como “ferramentas de produtividade” para o tradutor (HUTCHINS, 2007).

Levada às últimas consequências, essa aparente mudança de postura em relação aos sistemas tradução automática revela transformações na produção e na recepção de textos assim traduzidos. Na produção de textos com fins de “disseminação”, o reconhecido fracasso de se adaptar a máquina à expressividade das línguas tem, na era contemporânea, promovido esforços no sentido de adequar e controlar a língua de origem para possibilitar a aplicação de processamento automático. Em textos destinados à “assimilação” de informações, a recepção de materiais traduzidos automaticamente também é influenciada na medida em que a expectativa com relação à produção da máquina restringe-se ao fornecimento das informações “contidas” no texto. Usuários de sistemas automáticos para ter acesso ao conteúdo de origem contentam-se em “extrair o que precisam saber de uma produção [traduzida] não editada. Preferem ter uma tradução, por mais precária que seja, do que nenhuma tradução” (HUTCHINS, 1999, p. 2).

A crença na capacidade de a máquina extrair palavras e construções frasais do texto de origem e transpô-las para outra língua, por mais incoerente que seja o texto assim elaborado

ao usuário, tem estimulado o desenvolvimento de sistemas comerciais de tradução para uso em computadores pessoais. O acelerado ritmo atual da comunicação eletrônica favorece a automação na medida em que exige, em contrapartida, resposta quase instantânea a tudo que é produzido, independentemente das línguas envolvidas. Desde sua criação, a internet tem sido um grande estímulo ao desenvolvimento e à aplicação de sistemas automáticos específicos para tradução de páginas e documentação eletrônicas.

Especialmente em uma era em que a maior parte da comunicação realiza-se em rede e em tempo real, a aplicação da automação é favorecida por oferecer a promessa de resultados rápidos que, conforme consta na literatura da área, requereriam unicamente edição posterior. Para Cronin (2003), o próprio meio eletrônico em que a comunicação se estabelece acaba impondo prazos cada vez menores para o constante processo de revisão e atualização de textos e informações em formato eletrônico, promovendo, em consequência, mudanças no modo como esses materiais são recebidos, lidos e, até, respondidos. Conforme argumenta,

se a pressão em uma economia informacional e global é para obter informações o mais rápido possível, então a função de informar os pontos principais torna-se suprema na tradução, uma tendência que pode ser incentivada pela “ausência de peso” das palavras na tela com sua existência evanescente. (CRONIN, 2003, p. 22, minha tradução)

Cronin relaciona as características atuais da composição de materiais escritos em formato digital à adoção da tradução automática por um número progressivo de usuários da internet que, como afirma, estão mais dispostos a aceitar traduções automáticas, mesmo que consideradas de “baixa qualidade”, não somente pela gratuidade dos programas oferecidos na rede, mas, principalmente, devido ao “*status* efêmero do mundo eletrônico” e da produção textual que nele circula (p. 22).

Apesar da grande oferta de programas de tradução *on-line*, a aplicação da automação no contexto comunicativo e digital contemporâneo não constituiria, segundo Hutchins (2007), uma influência negativa para a demanda e a contratação de tradutores humanos. Ao contrário, o desenvolvimento e a aplicação desses sistemas estariam criando novas oportunidades de atuação para esses profissionais, pois, como argumenta, na medida em que a máquina os mune de recursos para traduzir e atualizar documentações extensas e repetitivas, como manuais técnicos e informações em bancos de dados, o tempo de trabalho humano também seria reduzido, possibilitando a dedicação a novos trabalhos.

Por outro lado, o crescente emprego da automação para atender à demanda de “disseminação” designada por Hutchins tem delineado um novo perfil para o tradutor contemporâneo, que passa a ser contratado basicamente como um encarregado de revisar a produção automática para publicação. A revisão, basicamente entendida como uma etapa de trabalho que se segue ao de tradução, passa a ter uma característica peculiar em textos traduzidos de forma automática. O tradutor encarrega-se de avaliar e adequar um trabalho que tem por vantagem a rapidez de conclusão e, supostamente, a precisão e padronização terminológica. A supervalorização desses atributos desconsidera o fato de um texto tido por “técnico”, como manuais, não ser constituído apenas por termos especializados (os quais são armazenados na memória do programa e dela recuperados de forma imbatível), mas, em uma frequência muito maior, por palavras de uso corrente, consideradas não-técnicas. Na construção do sentido, o trabalho de revisão elaborado pelo tradutor envolve necessariamente a tradução dessas ocorrências e sua adequação aos termos traduzidos de forma automática. Denominado “pós-edição”, o trabalho do tradutor é, em mais esse segmento, desvalorizado.

Uma situação que evidencia o emprego de tradutores especificamente para a tarefa de revisão da tradução automática de textos técnicos é constatada em empresas transnacionais, como fabricante de máquinas e equipamentos para construção Caterpillar. De acordo com um estudo de caso elaborado por Lockwood (2000), essa empresa foi a pioneira na implantação de regras de controle de redação de seus textos de origem (manuais) para aplicação de automação na tradução desse material para as diversas línguas dos países para os quais seus produtos são exportados. Conforme relata, mais da metade da produção de equipamentos para construção da Caterpillar é voltada a países emergentes, onde a empresa opera por meio de representantes e distribuidores, por isso, “fornecer informações sobre um produto nas línguas locais é uma questão estratégica para a Caterpillar” (LOCKWOOD, 2000, p. 188). Os esforços de produção no estágio de pré-edição (ou redação) dos textos de origem concentram-se em reduzir o tempo e os custos de tradução durante a fase de pós-edição, após aplicação da tradução automática.

Pode-se inferir, com base no relato de Lockwood (2000), que a aplicação da automação acelera a produção da tradução por sua capacidade de comparar e recuperar termos técnicos e, nos casos de autoria controlada do texto de origem, frases e expressões recorrentes. Por outro lado, não fica nítido o limite que separa o trabalho de tradução automática e de pós-edição humana, este considerado somente um estágio de adequação e revisão daquele. Entretanto, não são estanques os trabalhos de tradução e revisão textual, ainda que a tradução tenha sido automatizada. Ao revisar a produção da máquina, o tradutor

traduz e confere sentido a determinado texto de acordo com sua interpretação da tradução automática e com a imagem formada do público-alvo de seu trabalho.

No entanto, como mostra a prática e relata a literatura, a mudança no papel atribuído ao tradutor, de controlador do estilo e do conteúdo da tradução para a de ator coadjuvante e submetido às restrições da produção automática, requer o desenvolvimento de novas habilidades em seu trabalho. Entre elas, estaria a incorporação de recursos eletrônicos que o auxiliem na elaboração da tradução final. Alguns desses recursos foram propostos muito antes das ferramentas atualmente conhecidas envolvendo controle da produção de origem para a tradução automática.

No início da década de noventa, tendo em vista a insatisfação de alguns pesquisadores com relação às restrições experimentadas no emprego da automação, algumas ferramentas de auxílio ao tradutor começaram a ser reunidas em “estações de trabalho” (*translator’s workstation* ou *translator’s workbench*).

Como relata Somers (2003), o pesquisador e professor da Brigham Young University nos Estados Unidos, Alan Melby, propôs a integração de várias ferramentas em diferentes níveis para o que denominava de “estação de trabalho do tradutor”: um primeiro nível com processadores de texto e ferramentas de telecomunicação e gerenciamento terminológico, um segundo incluindo pesquisa automática em dicionários eletrônicos e acesso a um banco de dados com traduções anteriores e um terceiro, com ferramentas mais sofisticadas de tradução, inclusive um sistema de tradução automática. Pelo projeto de Melby, nessas estações, implementadas e disponibilizadas ao mercado à medida que fossem sendo desenvolvidas técnicas mais sofisticadas de linguística computacional, o tradutor assumiria “função central” no processo tradutório e na operação dos recursos a ele disponíveis (p. 14).

Um dos recursos mais utilizados nas estações de trabalho do tradutor é aquele de compilação e gerenciamento de dados terminológicos. Os “bancos de dados terminológicos”, como são denominados na literatura da área, reúnem entradas com informações sobre termos e os conceitos que representam, podendo informar a definição de um termo, seus contextos de uso, termos considerados “equivalentes” em outras línguas, ou instruções gramaticais (BOWKER, 2003, p. 50).

Desde o início, os bancos de dados terminológicos foram recebidos de maneira bastante positiva, principalmente por tradutores atuando em áreas específicas do conhecimento, seja de maneira autônoma para diversos clientes ou contratados exclusivos de uma indústria ou organização governamental que empregam estratégias de controle da composição original. No final da década de oitenta, bancos de dados começaram a

ser empregados para a pesquisa terminológica para a tradução, especialmente com o aprimoramento dos recursos dos processadores de textos e com base nas primeiras propostas de reunião e organização de conjuntos bilíngues de trabalhos anteriores que pudessem oferecer meios de dinamizar a produção de novas traduções ao evitar o retrabalho com trechos de textos já traduzidos.

A aplicação dos recursos de pesquisa em conjuntos de textos de origem e traduções, materializada nos atualmente conhecidos “sistemas de memórias de tradução”, é tratada no próximo item.

Sistemas de memórias de tradução como instrumental na recuperação da produção tradutória

A ideia de elaboração de um “arquivo de traduções” foi inicialmente proposta por Peter Arthern em um trabalho apresentado durante uma rodada de discussões, no final da década de setenta, sobre o uso de sistemas terminológicos computadorizados pelos serviços de tradução da então denominada Comissão Europeia. Naquela ocasião, sua principal argumentação foi a de que a maior parte dos textos produzidos pela Comissão seriam “altamente repetitivos”, frequentemente citando passagens inteiras de documentos anteriormente traduzidos, o que gerava grande desperdício de tempo e recursos alocados para o departamento de serviços de tradução. A proposta de Arthern consistia no armazenamento de todos os textos de origem e suas traduções de forma que esses textos pudessem ser recobrados e inseridos em novas traduções. Conforme detalha,

o pré-requisito para implementar minha proposta é que o sistema de processamento de texto tenha um depósito suficientemente grande para a memória central. Se isso estiver disponível, a proposta é simplesmente que a organização em questão deve armazenar na memória do sistema todos os textos produzidos, juntamente com suas traduções no número de línguas que for solicitado.

Essa informação teria que estar armazenada de modo que qualquer trecho de texto em qualquer uma das línguas envolvidas pudesse ser localizado imediatamente... juntamente com sua tradução... (ARTHERN, 1979, apud HUTCHINS, 1998, p. 293, minha tradução)

As ideias de Arthern ganhariam repercussão um ano mais tarde, em uma publicação de Martin Kay considerada seminal à discussão sobre o papel da automação na tradução, denominada *The proper place of men and machines in language translation* [O lugar adequado dos homens e das máquinas em tradução] (1980/1997). Em seu trabalho, Kay, pesquisador de tecnologias da empresa Xerox em Palo Alto (Califórnia), vê com descrença os rumos na época tomados pelas pesquisas em automação, que se focavam no desenvolvimento de sistemas que buscassem

eliminar a intervenção humana ou que relegassem ao tradutor por definitivo a função de pós-edição da produção automática. Sua argumentação seria a de que “a eficiência de um sistema de tradução, como qualquer outro, deve ser avaliado em todos os seus componentes: humanos e mecânicos” (KAY, 1997, p.11).

A principal diferença do sistema proposto por Kay em relação aos programas automáticos seria a de que, nele, o tradutor teria participação ativa *durante* o processo de tradução. Sua ideia partia das ferramentas encontradas em processadores de texto, como os recursos de busca e consulta a dicionários, que realizariam as funções selecionadas pelo tradutor no texto de origem e em sua tradução, dispostos e visualizados lado a lado na interface do sistema. O resultado seria uma produção assistida, porém, “sempre sob o controle rígido do tradutor, [...] para ajudar a aumentar sua produtividade e não para suplantá-lo” (1997, p. 20).

Desde as primeiras propostas de implementação de memórias de tradução, os diversos tipos de sistemas comercializados constituem bancos de dados terminológicos e fraseológicos que, formados a partir de segmentos de texto original e pareados com suas respectivas traduções, são passíveis de reutilização em trabalhos posteriores. Os bancos de dados formados por segmentos do texto de origem e de sua respectiva tradução obedecem a uma organização baseada em percentuais de correspondência entre eles. O reaproveitamento de segmentos anteriormente traduzidos, ainda que possam ser inseridos em uma pré-tradução de um novo texto de maneira automática, depende, para sua eficaz aplicação, da constante intervenção do tradutor, embora, em muitos casos, essa interferência seja restringida pelo contratante dos serviços de tradução.

Consideradas ferramentas eletrônicas de auxílio ao tradutor, as memórias têm sido abordadas na literatura da área como eficientes recursos em trabalhos com textos extensos e com grande número de repetições terminológicas e fraseológicas, como na tradução de textos em meio eletrônico, manuais técnicos, atualizações de traduções de um mesmo material e, em especial, no trabalho de localização.

Segundo Esselink (2000), desde a década de noventa a indústria da localização é o segmento que mais utiliza ferramentas de auxílio à tradução, em especial, sistemas de memórias de tradução. Uma vez que a maior parte de projetos de localização exige atualizações constantes de materiais traduzidos, quase sempre em prazos escassos, as memórias constituem uma forma de reaproveitar trabalhos anteriores e possibilitar a normalização do trabalho, especialmente quando executado em grandes equipes de tradutores, uma situação bastante comum nessa indústria.

O formato dos textos produzidos e circulados em meio eletrônico não só possibilitou a introdução e a aplicação de sistemas de memórias de tradução, como também tem contribuído para o aumento do volume de textos a serem traduzidos. Como explicam Biau Gil e Pym (2006), “em alguns setores, o uso de ferramentas de memórias de tradução acelerou o processo tradutório e diminuiu os custos, e isso levou a um aumento na demanda por serviços de tradução” (p. 8). O argumento de que a adoção das memórias tem promovido a expansão da procura por traduções repercute também, conforme abordado no item anterior, no modo como o emprego a tradução automática é concebida na contemporaneidade, já não mais como uma ameaça à substituição do tradutor, mas um adjunto importante na realização de tarefas repetitivas, como traduções de trechos recorrentes de textos.

Em outro aspecto, se os sistemas de memória não ameaçam tomar o espaço do tradutor certamente têm demonstrado o poder de transformar a maneira como este traduz. Como explicam Biau Gil e Pym,

as memórias de tradução mudam a maneira como os tradutores trabalham. Se um banco de dados de uma memória é fornecido, espera-se que sejam seguidas a terminologia e a fraseologia dos pares segmentados incluídos nesse banco, em vez de se compor um texto com decisões terminológicas e estilo próprios. (BIAU GIL; PYM, 2006, p. 9, minha tradução)

A utilização dos recursos desses sistemas, seja por escolha do tradutor, por critérios impostos pelo cliente ou por ambas as situações, só é eficaz se forem respeitadas as opções terminológicas ou fraseológicas armazenadas na memória, delimitando consideravelmente o espaço para as escolhas pessoais do tradutor. A prescrição de normas de utilização das memórias de tradução firma-se na expectativa de que a subserviência do tradutor ao banco de dados, em geral fornecido quando a tradução é contratada, tornaria a tradução *sempre* melhor elaborada e mais coesa. Essa ideia seria sustentada especialmente em casos de vários tradutores trabalhando em um mesmo projeto, ou quando existe um grande número de documentos a serem traduzidos em prazos limitados e com construções linguísticas repetitivas.

O reaproveitamento de traduções passadas como ferramenta para o início de um novo trabalho é o principal atributo dos sistemas de memórias, divulgado na literatura como uma forma de “alavancagem” de um novo trabalho de tradução. A pressuposição de um grau considerável de repetições no texto de origem, bem como a recorrência de expressões e frases em trabalhos posteriores de uma mesma área, constituiria o principal atrativo dos sistemas de memória. Segundo esse pensamento, os

sistemas de memórias de tradução representariam um avanço na maneira como os tradutores aproveitam trabalhos anteriores que, no passado, eram muitas vezes armazenados em diversos arquivos e sem critérios definidos, o que dificultava sua recuperação e reutilização. Mesmo com os recursos de arquivos eletrônicos, a busca por traduções anteriores, conjugadas com seus respectivos originais, poderia ser desestimulante ao tradutor por tomar demasiado tempo, fazendo com que este optasse, na maioria das vezes, por elaborar uma tradução sem uma consulta aproveitável a trabalhos anteriores.

A certeza de uma recorrência organizada de expressões “iguais” ou “repetidas” faz-se como grande promessa ao consequente aumento de desempenho que os sistemas de memórias de tradução alegam proporcionar. À primeira vista, a possibilidade de reaproveitamento de traduções anteriores pode ser bastante animadora, tanto para clientes como para os próprios tradutores. Por parte das empresas que necessitam de grandes volumes de tradução, a urgência de redução de custos exerce grande pressão para o emprego dos sistemas de memória, uma vez que se espera que a produção de uma tradução almeje também munir o banco de dados com mais segmentos pareados para aproveitamento posterior.

Em trabalhos de tradução executados com auxílio de memórias, duas práticas podem ser consideradas comuns para a compilação de bancos de dados de palavras e segmentos pareados a partir do texto original e da tradução, ambas com seus desdobramentos. A primeira ocorre quando o cliente fornece um banco de dados com termos, frases e expressões de traduções anteriores armazenados no decorrer de outros trabalhos, muitas vezes, realizados por diversos tradutores. A segunda sucede quando tradutores compartilham entre si suas memórias, em um esforço integrado e convencionado entre eles para incrementar seus bancos de dados e ganhar competitividade em relação à maciça quantidade de dados terminológicos acumulados pelas agências de tradução e localização.

O emprego do banco de dados, provindo de quem contrata uma tradução pode gerar conflitos porque, na maioria das vezes, os segmentos reaproveitados da memória do cliente não são remunerados, pois se acredita que a tarefa do tradutor restringe-se a localizar e transferir essas opções armazenadas e inseri-las na tradução. Conforme revela Weininger (2004),

o tradutor não recebe nada para a revisão e adaptação do material encontrado apesar de ser muitas vezes bastante necessária, principalmente por dois fatores: a) o segmento idêntico no nível de frase provém de outro contexto, e b) há erros de todos os níveis (ortográficos, sintáticos, semânticos, terminológicos). (WEININGER, 2004, p. 255)

O não pagamento do tradutor por ocorrências recuperadas da memória de tradução é consequência do não reconhecimento da releitura que o trecho transferido pelo sistema exige do tradutor, seu trabalho de adequação do segmento recuperado ao novo contexto e a reconstrução que efetua do sentido geral da tradução. Já nos casos em que a recuperação é resultante do compartilhamento do banco de dados entre tradutores na expectativa de potenciais ganhos de produtividade, eles próprios podem estar falhando ao deixar de examinar a origem dos termos e segmentos e a adequação dos segmentos traduzidos, sendo difícil, em muitos casos, assegurar a qualidade e a fidedignidade do banco de dados (memória) assim provido.

Por essa prática de uso e compartilhamento de memórias, a questão da responsabilidade tradutória parece assumir diferentes dimensões, tornando difícil atribuir ao tradutor a responsabilidade pela produção final de um trabalho.

Considerações finais

Das diversas ferramentas eletrônicas de pesquisa (glossários, *corpora* e dicionários *on-line*) e edição de textos (corretores ortográficos e gramaticais) empregadas para o trabalho de tradução na contemporaneidade, especificamente, os sistemas de memórias de tradução têm sido apresentados como instrumentos essenciais para melhorar o desempenho do tradutor, em particular quando atua em áreas especializadas que requerem, sobretudo, padronização terminológica e fraseológica e rapidez de execução dos trabalhos. Entretanto, ainda que as aplicações de memórias de tradução sejam definidas como diferentes daquelas da tradução automática, por serem controladas pelo tradutor, constata-se que esse controle é ilusório por restringir-se às limitações dos recursos dos próprios sistemas analisados e, em especial, pela preceituação de que o tradutor reaproveite ao máximo os segmentos oferecidos pela memória. Essa instrução, difundida como uma espécie de “fórmula pronta” para aumentar a produtividade, constitui uma forma de controlar o trabalho do tradutor, além de retomar a noção do papel do tradutor como recuperador de significados, encarregado de reciclar e editar segmentos pré-traduzidos em novas traduções.

A maneira como a prática de tradução é contratada e conduzida na contemporaneidade com o auxílio de ferramentas como sistemas de memórias relativiza o controle do tradutor sobre sua produção, principalmente por ser praxe exigir que esse profissional ajuste suas escolhas aos segmentos textuais pré-traduzidos com o uso das memórias. A responsabilidade que assume pela produção também se limita à medida que lhe é permitido realizar escolhas e intervir na tradução. Diante dessa constatação, conclui-se que as diferentes circunstâncias

de produção de uma tradução, que implicam diferentes graus de envolvimento do tradutor com o trabalho, devem ser consideradas no estabelecimento dos limites dessa responsabilidade.

Abstract

Transformations in the globalized world have promoted the growth in the production of information and the urgency of its dissemination beyond borders. Such fact has led to the significant increase in the demand for translations delivered at short turnarounds and according to specific production standards. In order to meet such demand, the application of technological tools is increasingly more common, such as machine translation programs and translation memory systems. This paper analysis the theoretical conceptions implicit in the projects of these tools and discusses how the automation of the translation activity directly interferes with the determination of the final responsibility for the translation.

Keywords: translation; translation-aid tools; machine translation programs; translation memory systems.

REFERÊNCIAS

- BIAU GIL, J. R.; PYM, A. Technology and translation (a pedagogical overview). In: PYM, A., A., PEREKRESTENKO, A., STARINK, B. *Translation technology and its teaching*. Tarragona, Espanha, 2006. Disponível em <http://isg.urv.es/publicity/isg/publications/technology_2006/index.htm>. Acesso em: 22 jun. 2006.
- BOWKER, L. Terminology tools for translators. In: _____ (Ed). *Computers and translation: a translator's guide*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venâncio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- CRACIUNESCU, O; GERDING-SALAS, C; STRINGER-O'KEEFFE, S. Machine translation and computer-assisted translation: a new way of translating? *Translation Journal*. v. 8, n. 3, jul. 2004. Disponível em: <<http://www accurapid.com/journal>>. Acesso em: 15 mai. 2006.
- CRONIN, M. *Translation and globalization*. London: Routledge, 2003.
- ESSELINK, B. *A practical guide to localization*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

HUTCHINS, W. J. The origins of the translator's workstation. *Machine Translation*. v. 13, n. 4, p. 287-307, 1998.

_____. The development and use of machine translation systems and computer-based translation tools. *Proceedings of the International Conference on Machine Translation & Computer Language Information Processing*, Beijing, June 26-28, 1999. p. 1-16.

_____. *Machine translation: a concise history*. 2007. Disponível em: <<http://www.hutchinsweb.me.uk/CUHK-2006.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2007.

KAY, M. The proper place of men and machines in language translation. *Machine Translation*. n.12 (1-2), p. 3-23, 1997.

LOCKWOOD, R. Machine translation and controlled authoring at Caterpillar. In: Sprung, R. C. (Ed.). *Translating into Success: cutting-edge strategies for going multilingual in a global age*. v. 6, ATA Scholarly Monograph Series, 2000. p. 187-202.

NOGUEIRA, D.; NOGUEIRA, V. M. C. Por que usar programas de apoio à tradução? In: ROCHA, M. et al. (Org.). *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 14, p. 17-35, 2004.

PÉREZ, C. R. From novelty to ubiquity: computers and translation at the close of the industrial age. *Translation Journal*. v. 5, n. 1, jan. 2001. Disponível em: <<http://www accurapid.com/journal>>. Acesso em: 14 mar. 2006.

PYM, A. What localization models can learn from translation theory. *The LISA Newsletter: Globalization Insider*. n. 12/2.4. 2003. Disponível em: <http://www.lisa.org/archive_domain/newsletters/2003/2.4/pym.html>. Acesso em: 20 jan. 2007.

SOMERS, H. The translator's workstation. In: _____ (Ed). *Computers and translation: a translator's guide*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 13-63.

WEININGER, M. J. TM & MT tradução técnica globalizada - tendências e consequências. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 14, p. 243-263, 2004.